

ESTADO DE SAO PAULO

FHC

O grande perdedor

O melhor que o governo pode fazer em favor da imagem do presidente Fernando Henrique é encerrar, o quanto antes, o ramerrão da reeleição. Por isso, a notícia de que as lideranças do governo teriam marcado para a próxima semana a votação em primeiro turno do projeto de emenda constitucional, no plenário da Câmara dos Deputados, produziu alívio tão grande quanto efêmero. É que, em seguida, jorraram informações contraditórias, dando conta de manobras e conchavos cujo único objetivo parece ser o de tumultuar ainda mais um ambiente já suficientemente agitado pelo atrito das ambições pequenas que fizeram da adoção do instituto da reelegibilidade objeto de chantagens recíprocas e mútuas.

O governo nada ganha, jogando no campo e nos termos do adversário. O presidente Fernando Henrique Cardoso, como já dissemos em outro editorial, não tem competência para a barganha fisiológica, ao contrário da maioria dos políticos que hoje o pressionam para que condicione a aprovação da emenda da reeleição às suas exigências. É por isso que insistimos que o governo deve marcar data próxima e fixa para a votação em primeiro turno da emenda da reeleição.

A primeira vantagem de uma data marca-

da é que as posições políticas terão de ser definidas com mais rapidez, abreviando-se as negociações que tendem a custar mais para o País e, principalmente, para o governo, na proporção direta de sua duração. Uma vez votada a reeleição, a agenda do Congresso poderá voltar à normalidade, com o exame das reformas institucionais e econômicas que ficaram paradas nos últimos meses. Trava-se no Congresso uma guerra psicológica que não pode durar muito, sob pena de descrédito de todos os contendores por parte da opinião pública. Em ambiente assim, os maiores disparates assumem foros de verdade, nem que seja por alguns momentos.

O presidente Fernando Henrique Cardoso tem sido o grande perdedor desta guerra de atrito entre a virtude e o vício. O presidente não tem nem ao menos o *physique du rôle* para a demagogia e o jogo fisiológico. Quando se deixa cair em tentação, a linguagem do corpo logo denuncia o seu desconforto e aquelas manobras que só funcionam sob a capa da hipocrisia revelam-se pelo que são. O pior dos males que esta guerra suja pela



reeleição tem causado ao País é o desgaste da imagem do presidente Fernando Henrique Cardoso. A imagem de serenidade, de objetividade, de humildade no trato com os que discordam, de amor ao diálogo, de senso de humor tem sido o pilar de um governo marcado pela seriedade e pela busca do bem comum. Essa imagem tem atraído a confiança dos brasileiros e tornado possível a realização das mudanças econômicas e institucionais que estão transformando o Brasil.

Ora, desde que o debate em torno da reeleição se radicalizou — principalmente depois da convenção das molecagens do PMDB —, o presidente Fernando Henrique Cardoso tem forçado a própria natureza, substituindo o diálogo pela ameaça de represálias e a simpatia por uma fisionomia de postura rispidez. Chegou a perder o senso de medida, ao ameaçar o PMDB — não que aquele partido não merecesse a repreensão; era o público que não merecia assistir ao desmando. E certamente não atinou para o alcance de suas palavras, quando invocou o apoio da “voz rouca das ruas”. Tudo isso levou o ex-presidente José

Sarney, constringido por ter sido chamado ao Palácio do Planalto para ouvir o carão que o presidente Fernando Henrique Cardoso passou nos líderes do PMDB, a aconselhar, com grande generosidade, em artigo publicado na *Folha de S. Paulo*: “A popularidade pode ser um mal, quando ela transforma os homens, muda-lhes o humor e comportamentos. Devemos sempre exorcizar esses demônios.”

É preciso votar logo a reeleição, para que o governo preserve a imagem de seriedade

É hora, portanto, de o presidente Fernando Henrique Cardoso olhar-se no espelho e reconhecer-se nele. A maior derrota neste episódio não seria a rejeição do projeto de reeleição, mas a degradação de um governo de elevados padrões éticos pelo fisiologismo e pela pesporrência. Ganhando ou perdendo o direito à reeleição — e a maioria dos brasileiros deseja que ganhe —, o presidente tem de sair logo desse atoleiro moral das “negociações”. Na próxima semana, ou na seguinte, que se vote a reeleição, pondo-se fim a um espetáculo de “pastelão” que está privando o governo de seu maior capital: a seriedade.